

Três leituras recomendadas: *Vestido de Noiva* (peça), a poesia de Patativa do Assaré e *O Casamento Suspeitoso* (teatro-comédia):

1. O canto de Patativa do Assaré

Triste partida (poema de Patativa do Assaré)

Meu Deus, meu Deus. . .

Setembro passou
Outubro e Novembro
Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Meu Deus, meu Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedras de sal,
Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Meu Deus, meu Deus
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem
Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"
Ai, ai, ai, ai

Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a fãmia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Em um caminhão
Ele joga a família
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá
Ai, ai, ai, ai

O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai

No dia seguinte
Já tudo enfiado
E o carro embalado
Veloz a correr
Meu Deus, meu Deus
Tão triste, coitado
Falando saudoso
Seu filho choroso
Exclama a dizer
Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Meu Deus, meu Deus
Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer
Ai, ai, ai, ai

E a linda pequena
Tremendo de medo
"Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?"
Meu Deus, meu Deus
Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou
Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
Meu Deus, meu Deus
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Chegaram em São Paulo

Sem cobre quebrado

E o pobre acanhado

Procura um patrão

Meu Deus, meu Deus

Só vê cara estranha

De estranha gente

Tudo é diferente

Do caro torrão

Ai, ai, ai, ai

Trabaia dois ano,

Três ano e mais ano

E sempre nos prano

De um dia vortar

Meu Deus, meu Deus

Mas nunca ele pode

Só vive devendo

E assim vai sofrendo

É sofrer sem parar

Ai, ai, ai, ai

Se alguma notícia

Das banda do norte

Tem ele por sorte

O gosto de ouvir

Meu Deus, meu Deus

Lhe bate no peito

Saudade lhe molho

E as água nos óio

Começa a cair

Ai, ai, ai, ai

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela fãmia
Não vorta mais não
Ai, ai, ai, ai

Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposto à garoa
À lama e o paú
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul
Ai, ai, ai, ai



Patativa do Assaré, cujo nome oficial era Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em Assaré, no Ceará, dia 5 de março do ano de 1909 e no mesmo lugar faleceu, a 8 de julho de 2002. Ele foi poeta, compositor, cantor, improvisador e músico. Criou versos nos moldes camonianos, forma clássica, e poesia com rima e métrica populares, a décima e a sextilha nordestina. Então, linguagem culta e linguagem caipira do dia-a-dia alternavam-se em poemas que ele separava nessa ordem (clássica e matuta).

Aos poetas clássicos

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá — O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá.

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Foi os livro de valô
Mais maió que vi no mundo,
Apenas daquele autô
Li o premêro e o segundo;
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu;
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,
Fiquei me sintindo bem,
E ôtras coisinha aprendi
Sem tê lição de ninguém.
Na minha pobre language,
A minha lira servage
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,
Poeta de cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia,
Tarvez este meu livrinho
Não vá recebê carinho,
Nem lugio e nem istima,
Mas garanto sê fié
E não istruí papé
Com poesia sem rima.

Cheio de rima e sintindo
Quero iscrevê meu volume,

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Pra não ficá parecido
Com a fulô sem perfume;
A poesia sem rima,
Bastante me disanima
E alegria não me dá;
Não tem sabô a leitura,
Parece uma noite iscura
Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá
Se o verso sem rima presta,
Calado eu não vou ficá,
A minha resposta é esta:
Sem a rima, a poesia
Perde arguma simpatia
E uma parte do primô;
Não merece munta parma,
É como o corpo sem arma
E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,
Qui faz poesia branca,
Não me chame de pateta
Por esta opinião franca.
Nasci entre a natureza,
Sempre adorando as beleza
Das obra do Criadô,
Uvindo o vento na serva
E vendo no campo a reva
Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,
Sem letra e sem istrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Vivo nesta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciência governa.
Tudo meu é naturá,
Não sou capaz de gostá
Da poesia moderna.

Dêste jeito Deus me quis
E assim eu me sinto bem;
Me considero feliz
Sem nunca invejá quem tem
Profundo conhecimento.
Ou ligêro como o vento
Ou divagá como a lêsma,
Tudo sofre a mesma prova,
Vai batê na fria cova;
Esta vida é sempre a mesma.

Patativa Do Assaré nasceu de agricultores pobres. Ficou cego de um olho (uma doença). Só aos 13 anos frequentou uma escola por poucos meses, mas logo começou a fazer *repentes* e mostrá-los nas feiras e festas. Aos vinte anos, ganhou o pseudônimo de Patativa (sua poesia foi comparada ao canto do pássaro). A característica maior dos seus **poemas** é a *oralidade* (apelo à voz, entonação, pausas, ritmo, linguagem corporal - o caráter performático deste artista incluía veemência, ironia, hesitação). Tinha-os na memória e os recitava mesmo com mais de noventa anos. No Crato, participou de programas de rádio declamando versos e José Arraes de Alencar publica em 1956 seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina* (com acréscimos em 1967: *Cantos do Patativa*). Em 70 saiu *Patativa do Assaré: novos poemas comentados*. Em 1978, *Cante lá que eu canto cá*. Mais dois livros - *Ispinho e Fulô* e *Aqui tem coisa*, respectivamente de 1988 e 1994 - cimentaram sua glória.

Cante lá, que eu canto cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.

Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.

Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.
Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiá,
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.
Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruita de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôrso um isquêro

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Patativa Do Assaré esposou Belinha e teve nove filhos. É incrível as imagens gravadas em filme e vídeo do amor dos dois. Os motes/glosas de Patativa são envolventes e excitantes. Vale a pena assistir ao documentário feito sobre eles. Dentre prêmios, títulos e homenagens foi nomeado *Doutor Honoris Causa*, mas era modesto e não teve intenção de fazer versos por profissão. Por isso, não deixou de ser agricultor e de morar no Cariri, sertão do Ceará.

Temas principais da sua obra: a problemática social, a terra sofrida em que nasceu, a religiosidade, a filosofia interpretada ao seu modo.

Vieses: o intenso lirismo, o humor irônico.

Outros livros: *Balceiro. Patativa e Outros Poetas de Assaré* (Org. com Geraldo Gonçalves de Alencar), *Cordéis* (caixa com 13 folhetos), Biblioteca de Cordel: *Patativa do Assaré* (Org. Sylvie Debs), *Digo e Não Peço Segredo* (Org. Guirlanda de Castro e Danielli de Bernardi), *Balceiro 2. Patativa e Outros Poetas de Assaré* (Org. Geraldo Gonçalves de Alencar), *Ao pé da mesa* (co-autoria com Geraldo Gonçalves de Alencar) *Antologia Poética* (Org. Gilmar de Carvalho).

2. Vestido de Noiva

A peça *Vestido de Noiva*, do pernambucano Nelson Rodrigues, acontece em três planos: alucinação, realidade e memória. A protagonista Alaíde era moça da sociedade carioca e foi atropelada. Os jornalistas correm para cobrir o fato e os médicos tentam salvá-la na mesa de operação. Ela está entre a vida e a morte.



Foto de uma cena da montagem do texto pela companhia *Os Satyros* (São Paulo)

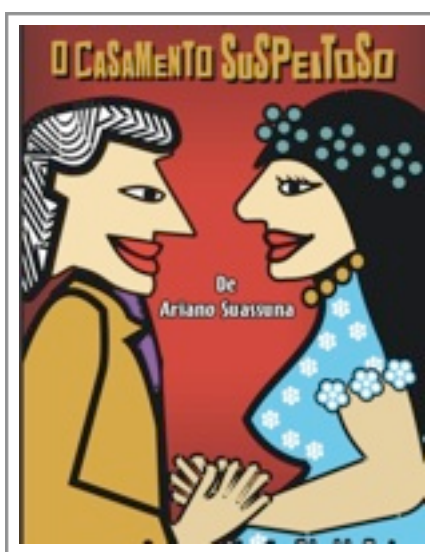
Na sua alucinação, Alaíde procura uma tal de Madame Clessi, uma mulher que teria sido assassinada no início do século XX, vestida de noiva, pelo seu namorado. Elas conversam. Aparece um homem que acusa Alaíde de ser também uma assassina. Alaíde confessa a Madame Clessi que assassinou o seu marido, Pedro, com um ferro (o assassinato de Pedro foi um sonho de Alaíde). No plano da realidade, os médicos tentam salvá-la, enquanto na alucinação Alaíde e Madame Clessi conversam. A primeira quer se lembrar do dia do casamento: Alaíde se preparava para a cerimônia. Há outra moça de véu: Lúcia, irmã de Alaíde, que diz que ela roubou o namorado dela. Os planos vão se fundindo: os médicos, os jornalistas, a história de Madame Clessi e seu namoro com o jovem rapaz que a matou. No meio disso tudo: Alaíde no dia do seu casamento com Pedro e a discussão com Lúcia minutos antes da cerimônia. O casamento acontece e Alaíde se vê vítima de uma conspiração entre Lúcia e Pedro, que pretendem matá-la (para ficarem unirem novamente). Alaíde assiste (com Madame Clessi!) às cenas do seu enterro e de sua discussão com Lúcia pouco antes do atropelamento. Nesse momento ela jura que mesmo morta não a deixaria ficar com Pedro. Mas Lúcia se casa com Pedro, apesar de guardar como um fantasma em sua memória a imagem de Alaíde vestida de noiva.

Essa peça foi montada por um diretor polonês (Ziembinski) no Brasil no início dos anos 40 do século passado e elevou Nelson à categoria de gênio (muitas vezes incompreendido e taxado de tarado). A encenação que relevava o transe psicológico da peça usou recursos modernos e foi apresentada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

3. O Casamento Suspeitoso

O espetáculo, mais um texto de Ariano Suassuna que não resistiria a uma boa análise ideológica, é uma comédia que exhibe as confusões de um, assim chamado, “casamento suspeito”: uma moça de comportamento “duvidável” chega da cidade do Recife ao interior da Paraíba e deseja casar-se (o mais rápido possível!) com o filho único de uma rica família de Taperoá.

Esse jovem apaixonado contará com a ajuda de seus leais amigos para tentar escapar das garras da casamenteira. É o combate da “esperteza” urbana contra a “astúcia” dos interioranos.



Temos novamente o “universo nordestino” em forma de caricatura, recheado com o “bom humor”, a visão do intelectual classe média de raiz oligárquica que é o nosso querido Ariano, tratando com sucesso cênico das cenas e tipos na sua interpretação animada do sofrido e contraditório (como quase tudo na vida) Nordeste.

Trata-se de uma comédia de costumes onde vemos a “crítica” ao interesse pelo dinheiro associado ao matrimônio.

O pretendido “noivo” é envolvido nas tramas de Lúcia, que seria sua “futura esposa”, que se juntou com a própria mãe (Suzana) e o amante (Roberto Flávio) para armar um “golpe do baú”. Porém, a futura “sogra” Dona Guida, mãe de Roberto Flávio, começa a desconfiar da “compostura” da “moça” que chegou para “casar” com o seu querido filho.

Cismada de que ali havia um golpe, a mãe do “noivo” vai se juntar com os conta com a ajuda dos empregados e tentar impedir que o casamento se realize.

MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Os personagens Cancão e Gaspar retomam uma tradição do “teatro popular” formando “a dupla circense” que o “ povo”, com seu “instinto certo”, chamaria “admiravelmente” de *o Palhaço e o Besta*”, segundo o próprio Ariano. Há traços do bumba-meu-boi e também uma ligação com os empregados astuciosos e independentes de Molière e da *Commedia dell`arte*.

A ironia de Suassuna, ao inverter problemáticamente os padrões sociais, esvazia o conteúdo de dominação e opressão social.

O final feliz é completamente cômico, claro.

O *Casamento Suspeitoso* retrata, ao seu modo, uma sociedade marcada pelo esnobismo e a difamação. A platéia é induzida a optar pelos mais simples, embora a linguagem de Suassuna deixe mais ou menos clara as relações do capital com seus “agentes”, mesmo que se trate do interior do Nordeste no meio do século XX.

Há que se apreciar as construções frasais, o ritmo, as estratégias e a arquitetura cênicas do mestre Ariano Suassuna.